

PIANISTA NELSON FREIRE PIANIST NELSON FREIRE

Abgar Antônio Campos Tirado
Titular da Cadeira nº 16
Patrono: Domingos Horta

Resumo: O pianista Nelson Freire, que fez sua estreia profissional no Teatro Municipal de São João del-Rei, MG, com apenas 5 ½ anos de idade, voltou a tocar, neste ano de 2012, no mesmo teatro, sendo hoje considerado um dos maiores pianistas do mundo.

Palavras-chave: Nelson Freire. Piano. Teatro Municipal. São João del-Rei.

Abstract: Pianist Nelson Freire, who made his professional début at the Municipal Theatre of São João del-Rei, MG, when he was only 5 ½ years old, came back to play this year of 2012 at the same theatre, being he considered one of the greatest pianists of the world nowadays.

Key-words: Nelson Freire. Piano. Municipal Theatre. São João del-Rei.

ão João del-Rei pôde aplaudir em seu Teatro Municipal, no dia 30 de junho do corrente ano de 2012, o eminente pianista Nelson Freire, na série internacional Música no Museu, na comemoração de seu 15º ano de atividade. O recital foi comemorativo da apresentação do pianista, aos cinco anos e meio de idade, nesse mesmo teatro, no dia 31 de maio de 1950, evento esse que representou a estreia profissional do prodígio, nesse recital realizado em benefício da Santa Casa da Misericórdia da cidade. O êxito foi extraordinário. Via-se uma criança ao piano, mas ouvia-se um pianista adulto, pleno de musicalidade e de recursos técnicos. Foi saudado pelo respeitado médico, dr. Euclides Garcia de Lima (1905-

1955), cujo irmão caçula se ligaria mais tarde, por casamento, à família de Nelson Freire.

O recital de 2012, comemorativo dos sessenta e dois anos da citada estreia profissional do eminente músico, constituiu-se em esmerada e grandiosa promoção, amplamente coberta pelos mais conceituados veículos midiáticos do país, contando igualmente com o prestígio das mais elevadas autoridades, presentes no evento.

Nelson Freire nasceu na mineira Boa Esperança, a 18 de outubro de 1944, o mais novo dos cinco filhos do casamento de um farmacêutico com uma professora. Seu início ao piano se deu aos três anos de idade, quando buscava imitar sua irmã Nelma, alguns anos mais velha que ele, estudante do instrumento. Aos quatro anos, começou o menino a receber lições de piano de um professor uruguaio, na cidade de Varginha. Percebendo o professor, depois de poucas aulas, que não teria mais o que ensinar ao genial garoto, aconselhou a mudança para o Rio de Janeiro. O devotado pai, avaliando a importância de tal providência, decide abandonar a profissão de farmacêutico e, assumindo uma função em uma casa bancária, transfere-se com sua família para a então Capital Federal. Faltava encontrar o professor certo, ao qual se adaptasse o temperamento muito especial de Nelson. A grande mestra Lúcia Branco (1903-1973) concluiu que o nome ideal seria o de uma de suas assistentes: a gaúcha Nise Obino (1918-1996). A escolha não poderia ter sido mais feliz. Houve uma profunda identificação entre os dois e o jovem pianista pôde alcançar os melhores resultados com o ensino e convivência com a mestra, de exuberante personalidade, solidificando-se entre eles a mais profunda e duradoura amizade.

No final de 1953, Nelson fizera, então com nove anos de idade, sua estreia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, apresentando uma valsa de Chopin e um prelúdio de Rachmaninoff. Todavia, seu primeiro recital completo naquele importante teatro se daria somente em 1956, com o programa: Bach – Tocata e fuga em dó menor; Beethoven – Sonata op. 2

nº3; Chopin – Scherzo nº3; constavam ainda do programa obras de Rachmaninoff, Guarnieri (3º Sonatina) e Villa-Lobos.

Mas o grande acontecimento, que projetaria de forma definitiva o nome do pianista no grande cenário artístico, dar-se-ia no ano seguinte, 1957, com o 1º Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro, quando, aos doze anos de idade, Nelson foi um dos finalistas, concorrendo com grandes nomes já adultos. O menino mineiro foi a grande sensação do certame, conquistando completamente o grande público. Vale dizer que o próprio vencedor do concurso, o experiente pianista austríaco Alexander Jenner, ao autografar o programa que Nelson lhe apresentara, escreveu: “Ao verdadeiro ganhador deste concurso”. Devido a esse enorme sucesso, o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, presente no concerto de encerramento do concurso, concedeu ao genial finalista uma bolsa de estudos em Viena. Naquela cidade, Nelson seria aluno do célebre mestre austríaco Bruno Seidlhofer (1905-1982), de cuja classe saíram nomes como o do também austríaco Friedrich Gulda (1930-2000) e o da argentina Martha Argerich. Em discurso após um jantar, Seidlhofer declarou que, em todos os seus anos de professor, apenas três talentos verdadeiros haviam passado em suas mãos: Gulda, Martha e Nelson, sendo que cada um possuía um motor gerador de seu talento: no caso de Gulda, era o intelecto; no de Martha, os dedos; no de Nelson, o coração.

Em junho de 1959, antes de partir para a Europa, Nelson fez um recital no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, na temporada de comemorações do cinquentenário do teatro. O programa foi assombroso, ainda mais para um menino de 14 anos. Nelson apresentou o seguinte: Bach – Dois Corais; Beethoven – Sonata op. 110; Brahms – Sonata op.5; Lorenzo Fernandez – Três Estudos em Forma de Sonatina; Debussy – Children’s Corner; Balakirev – Islamey. Em setembro do mesmo ano, partiu para a capital austríaca.

Após dois anos de estudos em Viena, como bolsista do governo brasileiro, Nelson retorna ao Brasil; estava com dezesseis anos de idade.

Aos vinte anos, volta a Viena, quando, durante quatro meses, toma aulas com Seidlhofer, transformando-se, de aluno anteriormente rebelde, a aluno exemplar. No mesmo ano, recebe em Londres a medalha Dinu Lipatti, homenagem ao extraordinário pianista romeno, Dinu Lipatti (1917-1950); e no mesmo ano, a grande conquista: o primeiro prêmio no Concurso Internacional Viana da Mota, em Lisboa, homenagem ao célebre pianista português, nascido em São Tomé, José Viana da Mota (1868-1948).

No ano de 1967, Nelson gravou seu primeiro álbum-solo fora do Brasil, pela CBS, além de vários discos, pela mesma companhia, inclusive com a Filarmônica de Munique, regida por Rudolf Kempe, destacando-se o Concerto nº1 de Tchaikowsky e o Concerto de Grieg. Mas aquele mesmo ano traria uma grande tragédia para Nelson: a perda de seus queridos pais, em acidente de ônibus, a caminho de Belo Horizonte. Todavia, a presença constante da música em sua vida ajuda-o, de forma sublime e eficiente, a superar os muitos percalços que a vida apresenta, suavizando dores e tristezas.

A propósito da já citada pianista argentina Martha Argerich, uma das mais celebradas intérpretes de nosso tempo, ressalte-se ser ela, três anos mais velha que Nelson, uma grande amiga e parceira musical, que, com ele, tem muita vezes tocado em público, como no belo vídeo que os mostra em excelente apresentação a dois pianos, na Alemanha, com obras de Rachmaninoff e Ravel. Essa ligação entre os dois grandes pianistas se torna muito eloquente no filme *Nelson Freire*, dirigido por João Moreira Salles e disponível em álbum de 2 DVDs. Nesse filme-documentário, temos a oportunidade de conviver com o dia a dia de Nelson e com a fraterna presença de Martha Argerich em sua vida. O filme nos mostra também diversas atuações musicais do pianista, incluindo a apresentação integral do Concerto nº2 de Rachmaninoff, na Rússia. No que concerne a gravações, é vasto o registro fonográfico do artista em questão, partindo daquela primeira gravação realizada em 1957, em Lp, logo após o já referido concurso internacional, hoje, remasterizada, relançada pelo selo Sanctus.

Trata-se de um Recital Chopin, com o seguinte programa: Noturno opus 27, nº1; Balada nº4, opus 52; Estudo opus 10, nº4; Valsa nº14; Mazurka opus 33, nº2; Scherzo nº1, opus 20. E, como bônus, a gravação, ao vivo, do 1º movimento do Concerto nº 5 (Imperador) de Beethoven, realizada durante as provas finais do citado concurso. A seguir, além das já citadas, tem havido uma série de magníficas gravações, durante a vitoriosa carreira do pianista, entre elas, muito da obra de Chopin, incluindo os Prelúdios (Prêmio Edison, na Holanda, em 1972), os “Scherzi”, as Sonatas, os Estudos, os Noturnos e outras peças importantes; de Beethoven, algumas das mais importantes sonatas; de Brahms, premiadas gravações do Concerto nº1 e do Concerto nº2; de Liszt, várias obras, incluindo a Sonata em si menor; de Debussy, o 1º livro de Prelúdios e a “Children’s Corner”; de Villa-Lobos, excelentes registros, incluindo o Rudepoema e a Prole do Bebê, nº1. Vários outros compositores poderiam ser citados. Muito celebrada é também a gravação, ao vivo, do recital realizado a 19 de setembro de 1980, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que, entre várias peças, contém antológica versão do Carnaval op. 9, de Schumann.

Nelson tem-se apresentado com as mais célebres orquestras do mundo, sob a regência dos mais renomados regentes, cuja citação estaria sempre incompleta uma vez que sua carreira continua em plena efervescência. A propósito de célebres personalidades musicais que de algum modo tiveram ligação com Nelson, lembremos uma que lhe foi muito especial: a consagrada pianista brasileira Guiomar Novaes (1894-1979). Esta, um dos membros do júri do referido concurso internacional realizado no Rio de Janeiro, mostrou-se encantada com o desempenho daquele garoto de 12 anos, declarando: “É o nosso Rubinsteinzinho”. Desde então, solidificou-se uma grande amizade entre os dois pianistas brasileiros, sendo que, a admiração de Nelson pela arte de Guiomar Novaes é imensa, considerando-a ele uma das maiores pianistas de todos os tempos. Marcante igualmente foi a visita de Nelson ao lendário pianista polonês Arthur Rubinstein (1887-1982) em 1980, a quem já havia sido apresentado em

1966. A visita foi em companhia de Martha Argerich, para um almoço na casa do Mestre, em Paris. A certa altura, Rubinstein lhe diz: “Nelson Freire, você é o único dos jovens pianistas que ainda não ouvi”. Após o almoço, instado pelo grande artista polonês, Nelson primeiramente toca o Prelúdio op. 32, nº12, de Rachmaninoff, ensejando a Rubinstein dizer-lhe: “Nelson, você me fez gostar desse prelúdio pela primeira vez”. Seguiu-se Chopin, Schumann (Carnaval op. 9), tudo encantando a Rubinstein, inclusive declarando o celebrado pianista reconhecer uma identificação entre os dois, no modo de sentir e de frasear o discurso musical. A conversa se deu em francês.

A série “Grandes Pianistas do Século Vinte”, lançada pela Philips, que apresenta gravações de 74 famosos pianistas e que, infelizmente, peca por deixar de fora muitos outros nomes de primeira grandeza, felizmente não deixou de incluir Nelson Freire, que participa com notáveis gravações realizadas durante sua carreira, constando o registro do *Fledermaus*, de Strauss – Godowsky, da *Ständchen*, de (Richard) Strauss – Godowsky, da *Rapsódia Húngara nº10*, de Liszt, da *Sonata op. 5* de Brahms e de outras peças, gravações dos anos 60, 70 e 80. Também suas gravações mais recentes para o solo Decca Universal têm obtido o maior sucesso de público e de crítica. Os já aqui citados concertos de Brahms, por exemplo, tiveram seu registro indicado ao Grammy e recebeu da revista inglesa “Gramophone”, o prêmio de melhor disco do ano; o disco dedicado à música de Chopin recebeu o *Diapason D’Or*, vendendo um imenso número de cópias. O mais recente lançamento, também pelo selo Decca é: *Brasileiro – Villa-Lobos & Friends*, com obras de Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Henrique Oswald, Alexandre Levy, Barrozo Netto, Lorenzo Fernández, Cláudio Santoro e Francisco Mignone.

Através de toda a sua fulgurante carreira, Nelson tem recebido as mais diversas homenagens, lembrando que, ainda menino, teve seu nome consagrado em uma das ruas de sua cidade natal, Boa Esperança. Em

setembro de 2011, recebeu o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Voltando a focalizar o recital de 30 de junho deste ano de 2012, no Teatro Municipal de São João del-Rei, podemos dizer, com certeza, que foi grande honra para a cidade poder aplaudir novamente o grande artista, que nela, sessenta e dois anos antes, fizera sua estreia profissional no mesmo Teatro Municipal inaugurado em fevereiro de 1893 – Do programa de 1950, que trazia peças, adaptadas ou não, de compositores como Brahms, Schubert, Chopin, Liszt, Tchaikowsky e outros, constava, seguramente no original, de Mozart, a Marcha Turca (Alla Turca), da Sonata em Lá Maior, kv. 331, que Nelson, numa lembrança do primeiro recital, quis incluir no atual, assim se compondo o programa: Mozart – Sonata em Lá Maior, kv. 331 (Andante grazioso – Menuetto – Alla Turca); Beethoven – Sonata ao Luar, op. 27 n°2 (Adágio sostenuto – Allegretto – Presto Agitato); Villa-Lobos – Prelúdio das Bachianas Brasileiras n°4; Villa-Lobos – Alma Brasileira; Granados – Goyescas (A Donzela e o Rouxinol); Chopin – Barcarola op. 60; Chopin – Sherzo n°4 em Mi Maior. Vivamente ovacionado, Nelson tocou, de extras, Gluck-Sgambati – Melodia para flauta e cordas; e de Villa-Lobos, do Carnaval das Crianças Brasileiras, O Ginete do Pierrozinho.

Ao término do recital, o responsável pelo projeto Música no Museu, Sérgio da Costa e Silva, fez a entrega ao pianista de um troféu comemorativo do evento. A seguir, o Governador do Estado de Minas Gerais, Antônio Anastasia, saudou o artista, o que também foi feito pelo Senador Aécio Neves e, em nome do Município de São João del-Rei, o presidente da Câmara Municipal, Vereador Mauro Duarte entregou ao insigne artista o Diploma de Honra ao Mérito. Em sequência, todos foram para o saguão de entrada do teatro, onde foi descerrada placa alusiva ao acontecimento, dedicada ao pianista pela municipalidade.

Sobre a personalidade de Nelson Freire, constata-se ser ele um artista de extrema probidade. Diferentemente de muitos, o que conta para

ele é a própria Música, que deve ser tratada e transmitida com o maior zelo possível, em toda a beleza e riqueza de sua mensagem. Ele não busca o brilho e sucesso pessoal; o que lhe importa verdadeiramente é a Música.

Ouvindo o pianista Nelson Freire, todos se sentem tocados por sua grande Arte. Sua postura ao piano é elegante e digna; seus movimentos são sóbrios, produzindo, com sua perfeição técnica, plena de energia, um fraseado primoroso, rico de plasticidade, com diversidade de timbres e encantadores matizes dinâmicos e agógicos, dentro da mais alta concepção de estilo e de primorosa arquitetura musical; enfim, Nelson nos traz a Música em sua mais lídima e excelsa expressão e é orgulho do Brasil nos mais diversos países do mundo.